

I

Chamava-se Tito. Deu-lhe colar
de ouro, pele de raposa, boina de veludo vermelho.
Não te preocupes com o castanho olhar
única seta, único golpe, ferida

sobre a terra. É um dos vivos.
A prece lançou sobre ardente pedra

suspensa de um fio —
a luz, a casa entre muros.
Vã esperança aproxima o perigo a

cruel extremidade a claridade do dia
abre o holocausto da manhã.

Humilde, esvaído
as mãos, os trespassados pés, estirados os membros
rubro coração
rio de esperma dolente e desolado.

II

«Tito, o filho de Rembrandt», disse o velho padre e
fazia o sinal-da-cruz e dobrava o joelho
quer em dias de paz e calor e vida quer
de tempestade ou de morte —
 rondava em círculo e ceifava rente

onde passava a estrada real, a ponte, pedra a cair
ondulavam as ervas ao menor vento.
Pelo fim da aldeia
ia ao encontro do sementeiro — labança negra
no maior mês do verão —
 guerrilha tátil, os dedos
não para gostar como todos os outros
chegava para o amor, perfilado archeiro, soldado
da batalha que regressa e reconhece o único soberano, a

prece as oferendas que lhe são devidas
devotado, pérfido mortal.
Vê os lábios do barbeiro a cada passagem da navalha
e vai pelo sono da noite
a par do selvagem licorne recolhe o injusto lucro do dinheiro

Eros cunhou a sua própria moeda, livrou-o do engano —
 mancha rósea, pétala de rosa flutua — começa a descer
desliza sobre o gelo de janeiro, aproxima-se agora a
passo de ferro
o fumo lá em baixo
cidade com as suas casas, estrada, palácio, profunda praça

ilegível. Nome escrito ao avesso
indiferente voz desse nome no ar gelado
sem qualquer som a voz nem os olhos
olhar. Sentiu as lágrimas, mas não devia chorar; a chuva
pelo estreito vidro da janela

III

Não consigo esquecer os mortos, o brilho negro do melro

o menor som, o risco da faca na ardósia do banco último do jardim
não escreveu o meu nome
não escrevi o teu
no tronco de uma árvore
no banco do jardim

talvez

não se possa fazer mais nada na vida senão
recordar e voltar a lembrar apenas

vou tentar dizer-te tudo por ordem: à noite, quando o rosto dos
mortos

o vento espalha pelo sono
aqueles pobres rostos sem nenhum deus, sem amor, papéis rasgados
a dois

passos da morte.

Água a rasar o prato de barro
vai beber o melro era ainda o pôr do sol, era já o amanhecer.

IV

Aquela que muitas vezes ergueu voz e gesto
está sentada no chão. As taças do vinho
esperam as libações. Visionária — a ira não
durou até ao fim — as pragas estabelecem contraste, perde-se na
veloz

codorniz ausente em nuvem do passado, a rã
sobre a terra egípcia
a melopeia desfaz o ninho das aves todas do pântano

foi a vez da serpente de bronze saída da vara
do irmão, o veneno, o
pavor dos olhos amarelos e cegos
nunca a impediram de chegar à hora do destino

sentada está no chão em claro contraste a
nevoenta praga, o granizo flameja sob a chuva
grânulos alimentam, nem o sol foi tão madrugador.
Aquela que não é sequer nomeada no Livro da
Sabedoria, a irmã de Aarão
guardou fragmentos: a escama da serpente
a gota de água do granizo
o grânulo do maná, mumificada coxa de rã
vibrátil asa de gafanhoto. Abria a taça de pedra

ilumina a treva do contraste «Ela nunca fez mal a
ninguém» ouviu-se a Aarão

Prendia os testemunhos: a rã, a codorniz, a ave do pântano, a serpente
queimavam a mão. Cheirava a vinho o seareiro
levantou-lhe o vestido, afastou-lhe os joelhos. A
palha seca, um e outro perdido grão reluziam, o